

O BRINCAR, UM ALIADO NA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

MILLIS APARECIDA PEREIRA*
MARIA DO CARMO BORGES GONZALEZ**

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir o brincar como aliado na intervenção psicopedagógica, por ser este um recorrente recurso na busca por auxiliar crianças com dificuldades e transtornos de aprendizagem. Também visa discutir como as distintas teorias sobre o brincar e as estratégias de ensino e aprendizagem aplicadas por psicopedagogos de maneira consciente ou intuitiva. Para tanto, apresenta definições e diferenças de termos como brincadeira e jogo. A brincadeira é vista na literatura como um expediente/maneira que pode estimular o desenvolvimento infantil e proporcionar meios facilitadores para a aprendizagem significativa. A partir disso, podemos concluir que ao utilizar a brincadeira como um recurso psicopedagógico o profissional busca, quase sempre intuitivamente, aproveitar a motivação própria das crianças, tornando mais atraente o processo de aprendizagem. Entretanto, percebe-se que para alguns profissionais do ambiente escolar a brincadeira é vista como uma pausa no aprendizado – embora para as crianças o ato de brincar envolva todo um processo que muitas das vezes se transforma em facilitador para a aprendizagem.

Palavras-chave: Brincadeira, Aprendizagem, Psicopedagogia

* *Lato sensu* em Psicopedagogia - UMESP

** Mestre PUCSP; Professora São Judas – Campus Unimonte; Prefeitura Municipal de Santos-SP

INTRODUÇÃO

A psicopedagogia pode ser entendida como uma área interdisciplinar que propõe a integração de várias áreas das Ciências Humanas e que traz para o campo da pesquisa educacional a compreensão dos processos de ensino, de aprendizagem e das dificuldades encontradas por alguns indivíduos. Enquanto ciência, ela busca igualmente dar sentido ao processo de aprendizagem, entendendo como este se dá e para isso utiliza diferentes métodos e estratégias para a avaliação e intervenção.

Pesquisadores de diversas correntes se debruçam a investigar a temática. Para Jorge Visca (1987), a psicopedagogia nasceu como uma ocupação empírica pela necessidade de atender crianças com dificuldades de aprendizagem, cujas causas eram estudadas exclusivamente pela medicina e pela psicologia. Com o passar dos anos, o que inicialmente se constituía como ação subsidiária dessas disciplinas, se organizou como um conhecimento independente e complementar, possuidor de um objeto de estudo (os processos de ensino e aprendizagem) e de recursos diagnósticos corretivos e preventivos.

A atuação profissional do psicopedagogo pode se dar em diferentes cenários, inclusive em processos individuais ou coletivos a partir da observação direta ou indireta e da intervenção naquilo que aqui chamaremos de tripé essencial para o desenvolvimento dos processos de aprendizagem humano: *família-escola-aprendente*.

Em face de tais considerações, o presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo apresentar um estudo qualitativo e bibliográfico sobre a importância do brincar dentro do processo de intervenção psicopedagógica e sua relação com as funções cognitivas em crianças, entendendo ser a brincadeira uma forma efetiva de aprendizagem significativa que proporciona o desenvolvimento de habilidades motoras, perceptivas e cognitivas.

É de conhecimento dos profissionais da área de Educação que a ação de estruturar e construir seu próprio brinquedo ou

o seu próprio brincar funciona como estímulo para enriquecer funções, tais como os esquemas perceptivos (visuais, auditivos, cinestésicos) e operativos (memória, imaginação, lateralidade, apresentação, análise, síntese, causa e efeitos). Além disso, quando combinados com a estimulação psicomotora (coordenação) definem aspectos básicos dando condições para o desenvolvimento de habilidades cognitivas importantes, como a leitura, a escrita e o raciocínio lógico matemático.

Ainda assim é possível constatar em espaços escolares profissionais “preocupados” em direcionar ou corrigir a brincadeira das crianças, talvez porque temam o julgamento quando se deparam com a ação livre. Tal circunstância, por vezes, é entendida como se o tempo estivesse sendo desperdiçado em uma atividade que não necessariamente garantirá uma vida escolar bem-sucedida. Almeida (2017), em sua pesquisa sobre o brincar no espaço escolar, afirma que em alguns estudos recentes foi verificado que são poucos os ambientes em que adultos aceitam e estimulam o brincar infantil sem encará-lo como negativo. Além disso, o autor reforça que ao observar alguns espaços públicos com crianças brincando costuma ouvir frases como: “Não façam bagunça!”, “Menino danado!”, “Fiquem quietos!” ou “Não corram muito!”

Nessa linha de raciocínio, a partir das ideias de Vygotsky (2002), que entende o brincar como atividade que preenche necessidades básicas da criança no curso de seu desenvolvimento (físico, emocional e cognitivo), compreende-se que o psicopedagogo – profissional da área de educação com característica interdisciplinar –, se encontra diante de um constante desafio e de uma grande oportunidade: contribuir para o desenvolvimento saudável do aprendente. Para tanto é essencial conhecer necessidades e interesses para que os incentivos psicopedagógicos sejam capazes de garantir e promover avanços necessários de um estágio do desenvolvimento para outro.

O relevante papel do brinquedo no desenvolvimento infantil foi também analisado por Bertoldo e Ruschel (2000), que,

por sua vez, destacam a relevante contribuição de estudos dessa mesma temática por filósofos, psicólogos, psicanalistas, teólogos, antropólogos, médicos, terapeutas, educadores e pais, ou seja, pessoas dos mais variados campos das ciências e práticas sociais. O brincar passa a fazer parte das nossas vidas desde muito cedo – ainda no período de lactação –, o que nos leva a constatar que sendo a brincadeira uma constante desde os primeiros tempos de vida, ela acontece dentro de um contexto mais amplo e natural, ou seja, a partir de uma cultura da qual a criança faz parte (PINAZZA; FESTA, 2017).

Por sua vez, Frenzel (1977, p.18) defende que as palavras brinquedos, brincadeiras e crianças estão diretamente ligadas umas às outras e, inclusive, em muitas sociedades o brincar é reconhecido como parte da infância. Os primeiros registros de tal reconhecimento foram obtidos por meio de escavações arqueológicas e datam de um período em que nossa espécie ainda sobrevivia da caça e da coleta.

Por intermédio da brincadeira a criança cria condições para aprender a se relacionar, adquirindo noções de respeito e cooperação. Seguindo esta mesma linha de raciocínio, entendemos que o brincar traz consigo muitos elementos que contribuem para a formação e formulação de nossas identidades. Além de proporcionar momentos prazerosos, possibilita que a criança, de maneira intuitiva, classifique, ordene, estruture, resolva pequenos problemas e sinta-se motivada a ultrapassar os próprios limites. O brincar é livre, tem valor essencial no desenvolvimento dos seres humanos, além de ser também uma atividade criativa, de diversão e descontração. O envolvimento da criança com o brincar cria, então, condição favorável para o psicopedagogo, que necessita da comunicação espontânea de crianças, que por vezes não possuem um domínio da linguagem capaz de transmitir as infinitas sutilezas que podem ser expressadas a partir de uma brincadeira.

Na perspectiva de Winnicott (1975), a brincadeira se apresenta ainda como experiência cultural, reivindicando seu tempo

e seu lugar e, a partir daí, dá lugar a um processo que ocorre dentro e fora do eu. O autor destaca que para controlar esse processo, há que fazer coisas que não se resumem ao pensar ou desejar, mas ao fazer coisas, que tomam tempo. Assim, pode-se dizer que brincar é fazer.

METODOLOGIA

Diante do exposto até aqui é possível elaborar a seguinte pergunta como objeto desta investigação: será a brincadeira frequentemente utilizada como recurso na intervenção psicopedagógica, como uma importante aliada para ajudar as crianças com dificuldade em seus processos de aprendizagem? Este trabalho tem como hipótese: identificar o brincar como uma via acessível para a intervenção psicopedagógica, verificar se o psicopedagogo usa essa via (o brincar) como aliado, mesmo que a aplicação de estratégias se dê de forma intuitiva. E, por fim, se a brincadeira é empregada como um elemento relevante para o planejamento interventivo em crianças com até 12 anos de idade.

A pesquisa foi realizada com um grupo de 51 profissionais, especialistas em psicopedagogia com experiência no atendimento clínico com crianças nessa faixa etária. Tais profissionais foram convidados e voluntariamente aceitaram participar de uma breve pesquisa, já disponibilizada na plataforma *Google Forms*. O questionário (Anexo 1) contém 13 perguntas objetivas e foi enviado a cada participante a partir dos recursos viabilizados por essa plataforma. O questionário objetivou coletar informações básicas sobre:

- *o perfil do psicopedagogo no que se refere à experiência clínica;*
- *o uso e a frequência da brincadeira no atendimento clínico;*
- a intenção em se “trabalhar” as funções cognitivas a partir das estratégias do brincar; e
- o conhecimento de teorias específicas sobre o brincar durante o planejamento da intervenção psicopedagógica.

A pesquisa abrangeu o território nacional e conta com profissionais do sexo feminino, sem faixa etária específica e tempo de experiência clínica bem variado.

Foi utilizada a pesquisa qualitativa, bibliográfica e de campo, visando retratar a importância do brincar como um aliado no processo de intervenção psicopedagógica, bem como o benefício desta prática para crianças com diferentes graus e tipos de dificuldades de aprendizagem, que apresentam ou não comprometimentos nas funções cognitivas. Os métodos que foram utilizados têm por objetivo analisar a brincadeira e sua utilização de forma orientada (consciente), na intervenção psicopedagógica em infantes, matriculados ou não no sistema regular de ensino.

Mínayo (2001) se refere à pesquisa qualitativa como estratégia metodológica que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tal modalidade de investigação tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. Mas a autora chama atenção para o fato de que a pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14).

Já a investigação na modalidade bibliográfica é definida em Oliveira (2007) , como o estudo e análise de documentos de domínio científico, tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos, sendo sua principal finalidade proporcionar aos pesquisadores o contato direto com obras, artigos ou documentos que tratam do tema em estudo. Em outras palavras, esse tipo de exame é realizado quando elaborado a partir de material já publicado, a exemplo de livros e artigos de periódicos.

Já a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da bibliográfica e/ou documental, se procede a coleta de dados junto a pessoas com o recurso de diferentes tipos de pesquisa, como é o caso de post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, entre outros. (FONSECA, 2002).

RESULTADOS

O formulário O Brincar e a Psicopedagogia ficou disponível por seis dias na plataforma Google Forms durante o mês de março de 2019 e foi acessado por 56 profissionais, especialistas em psicopedagogia. Os participantes voluntariamente se dispuseram a responder o questionário, com a exceção de 1,8% (n=1), que não aceitou o termo de consentimento, condição que o impossibilitou de fazer parte da amostra válida para o presente estudo.

Dos participantes voluntários da pesquisa, 7,3% dos psicopedagogos não atendem crianças em suas práticas na clínica e por conta disso também não tiveram seus formulários registrados na discussão do presente estudo. Sendo assim, do total da amostra somente 92,7% (n=51) dos participantes apresentam o perfil necessário.

Dos respondentes válidos, 100% são do sexo feminino, 80% possuem até cinco anos de experiência na prática clínica, sendo 10,9% de cinco a 12 anos e 9,10% mais de 12 anos de prática. Como mencionado anteriormente, a pesquisa abrange todo o país, sendo a grande maioria dos participantes (29%) dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro (10,9%).

Dos participantes válidos para a pesquisa, 9,8% atendem crianças que não estão matriculadas na rede de ensino regular (público ou privado), um dado com grande relevância quando pensamos do alinhamento do psicopedagogo com as práticas escolares. Das crianças atendidas em sessões psicopedagógicas na faixa etária entre cinco e 12 anos, mais de 60% tem de cinco a 10 anos, período considerado crítico por alguns autores, como

Ferreira (2015), Piaget (1971), Winnicott (1975), para a formação da identidade, entendimento de regras de convivência e aquisição da leitura e da escrita. Dos psicopedagogos entrevistados 98% utilizam a brincadeira como recurso nos atendimentos psicopedagógicos. Oportuno mencionar que 92,2% sempre recorrem ao brincar como recurso psicopedagógico durante os atendimentos clínicos, independente da idade do aprendente.

Quando indagados sobre conhecimentos teóricos acerca do brincar como estratégia de ensino e aprendizagem, 35,3% dos psicopedagogos afirmaram não conhecer nenhuma teoria específica. Os 64,7% que disseram conhecer teorias específicas mencionaram diferentes autores. Com maior frequência foram citados Winnicott, Vygotsky e Piaget. Nos interessa aqui compreender porque todos citaram os autores e não as teorias por esses desenvolvidas quando indagados a respeito.

Referindo-se ao funcionamento das funções cognitivas, 98% dos participantes relataram levar em consideração funções como linguagem, atenção, memória operacional, controle inibitório, tomada de decisão, manejo de tempo e flexibilidade cognitiva no momento de escolher brincadeiras durante o processo de intervenção psicopedagógica.

A diferença entre o brincar e o jogar também foi abordada na pesquisa. A grande maioria (80,4%) afirmou que brincar e jogar são atividades complementares. Entretanto, um número significativo de psicopedagogos, 13,7%, acredita que brincar e jogar sejam atividades diferentes.

DISCUSSÃO

Como já mencionado, podemos entender o brincar como um processo que envolve o pensamento, a criatividade, o desenvolvimento de raciocínio lógico, dentre outros fatores, pois facilita o estabelecimento de vínculos, que, por sua vez abre espaço para a intervenção psicopedagógica e permite então que o aprendente se aproprie do processo de ensino-aprendizagem

e assim possa adquirir conhecimentos de maneira espontânea e prazerosa. Dessa forma, o aprendiz pode expor suas potencialidades e principais dificuldades, bem como terá condição de refletir sobre métodos e estratégias a serem utilizados na intervenção psicopedagógica.

Moyles (2006) defende que

O brincar em situações educacionais proporciona não só o meio real de aprendizagem como permite também que adultos perceptivos e competentes aprendam sobre as crianças e suas necessidades. No contexto escolar, isso significa professores capazes de compreender onde as crianças “estão” em sua aprendizagem e desenvolvimento geral, o que, por sua vez, dá aos educadores o ponto de partida para promover novas aprendizagens nos domínios cognitivo e afetivo. (2006, p.12).

Entende-se, portanto, o brincar não como uma simples recreação, mas como elemento que precisa ser conduzido de forma planejada, uma vez utilizado na intervenção psicopedagógica. Para autores como Winnicott (1975) e Vygotsky (2002), talvez seja essa a forma mais completa que a criança tenha de comunicar-se consigo mesma e com o mundo ao seu redor. Outro aspecto relevante é de que o ato de brincar, desde uma perspectiva psicoeducativa, viabiliza incorporar valores morais e culturais, assim como atividades lúdicas que visam trabalhar a autoimagem, autoestima, o autoconhecimento e a cooperação.

Ao analisar as considerações de Pedroza (2005) conclui-se que este autor entende que para Vygotsky ao brincar a criança cria uma situação imaginária, ou seja, ela acredita que o brinquedo possibilita a criação de um mundo onde os desejos possam ser realizados por intermédio da imaginação; sendo essa uma atividade psicológica específica da consciência humana. Outro ponto importante também salientado por Vygotsky quando se refere à

imaginação infantil, é que para ele não existe brinquedo sem regras, mesmo que essas não sejam formais e estabelecidas *a priori*. O brincar deve conter regras de comportamento e todo “jogo” com regras contém uma situação imaginária. O maior autocontrole da criança ocorre na situação de brinquedo e é quando a subordinação a uma norma passa a ser uma fonte importante de prazer. Um caminho possível para trabalhar as funções executivas

Já no entendimento de Pinazza e Festa (2017), a literatura e as especificações legais indicam a brincadeira como direito de todas as crianças e que em nenhum ambiente educativo deve ser negado. Para esses estudiosos, a brincadeira também é considerada como promotora de aprendizagens e desenvolvimento. A criança quando brinca reinventa a todo tempo um novo mundo que tem um pouco do que recebe de informação e um pouco do que ela mesma conseguiu elaborar a partir de gostos e paixões próprias. Em suma, não há contraindicações para o brincar.

Na perspectiva do psicólogo norte-americano Bruner (KISHIMOTO, 2002), a ação de brincar tem prioridade sobre o objeto, já que a brincadeira é, em si, uma mutação de sentido, em que o faz de conta predomina sobre o real. A potência do brincar na (re)criação de significados é sinalizada por ele quando afirma que pela brincadeira garotos têm possibilidade de explorar o universo dos significados, de manifestar-se pela linguagem, construindo narrativas próprias.

Apesar de a relação brinquedo-desenvolvimento poder ser comparada à relação instrução-desenvolvimento, o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. A ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas tudo aparece no brinquedo, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar (VYGOTSKY, 2002, p.135).

Em uma brincadeira orientada pode-se alcançar todas essas possibilidades, campo ideal para o trabalho psicopedagógico. Para

o autor Vygotsky (2002), a atividade do brincar é condutora e determinante do desenvolvimento da criança.

Nessa mesma linha /de investigação e análise, a pesquisadora Patrícia Dias Prado (2009) aponta o brincar como parte integrante da relação da criança com o mundo, compondo uma diversidade de formas de brincar, de conhecer o mundo e de ser conhecida por ele, evidenciando um espaço de construção de brincadeiras, de transgressões, linguagens e significados, espaço onde ela pode estabelecer múltiplas relações de construção e emersão de elementos da cultura infantil, de expressões e manifestações culturais próprias (PRADO, 2009).

A brincadeira e o jogo se constituem uma necessidade humana e ambos interferem diretamente no desenvolvimento da imaginação, da representação simbólica, da cognição, dos sentimentos, do prazer, das relações, da convivência, da criatividade, do movimento e da autoimagem dos indivíduos (KISHIMOTO, 2002).

Mesmo em face da constatação da relevância do brincar e do “faz de conta” no universo infantil, ainda nos dias de hoje é possível encontrar educadores que “desestimulam” a brincadeira, acreditando que o mais importante na escola é aprender a ler, a escrever e a realizar operações de lógica matemática. Provavelmente ignoram aspectos importantes da cognição humana. Desconhecem, por exemplo, que um dos benefícios ao desenvolvimento que a brincadeira traz para os indivíduos pode ser um pré-requisito para a alfabetização ou para a noção de sequência numérica. Acreditamos que todas as maneiras de brincar podem ser transformadas em sua forma e conteúdo, com o objetivo de atender às necessidades específicas de aprendizagem de cada indivíduo que brinca.

Até aqui analisamos o brincar como uma das interações habituais da infância, uma via para transformar, por meio da imaginação, o espaço vivido. Porém, também vimos que a ludicidade é necessária ao ser humano em diferentes fases da

vida e não pode ser vista apenas como diversão, mas, como um aprendizado motivador, rico em estímulos diversificados.

Tais considerações nos remetem a pensar no objetivo principal do presente estudo, a brincadeira como um aliado na intervenção psicopedagógica. O desenvolvimento pessoal promovido pela ludicidade, unido aos fatores sociais e culturais do contexto, se apresentam como facilitadores no processo de socialização, expressão, comunicação e construção de conhecimento, bem como no desenvolvimento pleno e integral dos indivíduos envolvidos nos mais variados processos educativos. Se percebe tal fenômeno quando analisamos alguns dados da pesquisa, como, por exemplo, o fato de que 92,2% dos psicopedagogos entrevistados acreditam na brincadeira como estratégia interventiva, nos levando a crer que sim, o brincar pode funcionar como um aliado importante na busca por encontrar estratégias para ajudar crianças a superar dificuldades de aprendizagem.

Outro fator interessante é que somente 64,7% desses psicopedagogos afirmaram conhecer alguma teoria específica sobre o brincar como estratégia de intervenção. Mesmo assim, 98% do total da amostra utilizam a brincadeira durante as sessões psicopedagógicas, resultado que nos leva a refletir que para 35,3% dos respondentes o brincar por seu caráter confortador, prazeroso e libertador acaba sendo uma opção intuitiva na busca por interagir de maneira natural e positiva com o aprendiz. Talvez porque na prática psicopedagógica acredita-se que em ambientes e situações adequados se encontre o cenário ideal para se trabalhar inquietações e dificuldades de aprendizagem, dirimindo incertezas e que tudo isso pode, sim, vir acompanhado de diversão e prazer.

Nos cabe aqui ressaltar que 92,2% da amostra sempre utilizam a brincadeira como recurso psicopedagógico, o que permite sustentar a ideia de que para este grupo o brincar é um aliado importante no processo de intervenção psicopedagógica, ainda que para um número bem significativo de profissionais tal recurso seja aplicado de maneira intuitiva.

O item número 11 da pesquisa, que se refere a questão da identificação de teorias sobre o brincar, não era de caráter obrigatório, mesmo assim 37,2% dos participantes a responderam. Curiosamente as respostas se limitaram a identificar os autores e não suas teorias sobre o brincar como estratégia de ensino e aprendizagem. Interessante também perceber que teóricos como Piaget, Vygotsky e Winnicott – renomados autores de importantes obras no campo das Ciências da Educação – foram os mais mencionados. Em suas investigações esses estudiosos nos permitem trilhar caminhos úteis e necessários para conhecer a criança e seu processo de desenvolvimento a partir de estudos que não se resumem ao brincar somente, mas que elaboram teorias em relação ao universo infantil como um todo. O brincar como objeto do âmbito infantil, não ficaria fora de obras tão valiosas como as de Piaget, Vygotsky, Winnicott. Provável que aqui nos deparemos com uma oportunidade; um nicho importante para ser explorado no universo acadêmico e na formação do profissional de psicopedagogia. Um campo fértil para que profissionais busquem revisar conceitos acerca do que é o brincar para a criança dos dias hoje e quais benefícios advêm desse processo. Autores como Froebel, Benjamin, Didonet, marcos conceituais sobre o brincar e o jogo, não foram mencionados.

As funções cognitivas são levadas em consideração no momento da compra de novos brinquedos, bem como na escolha do brinquedo para as sessões psicopedagógicas por todos os profissionais. Didonet, em Kishimoto (1998), explica que o brinquedo é apenas o suporte do jogo e que é possível brincar com a imaginação. Para 80,4% dos profissionais da amostra, a brincadeira e o jogo são atividades complementares e tal ideia se sustenta ao analisarmos o brincar e o jogar como atividades culturais. Outra semelhança importante é de que o brinquedo e o jogo fazem parte, de uma forma muito intrínseca da vida infantil e juvenil e se apresentam como caminhos necessários para conhecer a própria criança em seu processo de desenvolvimento.

A ambiguidade entre os termos se consolida com o uso que se atribui a ambos. É possível afirmar que tanto o jogo quanto o brinquedo possam ser englobados em um universo maior, chamado de “o ato de brincar”. Com base nessa afirmação se apresenta favorável a flexibilização dos conceitos para não correr o risco de ter que selecionar entre a hora do jogo ou a hora da brincadeira. Em nossa pesquisa um número importante de psicopedagogos, 13,7%, afirmou que o brincar e o jogar são atividades diferentes. Mesmo assim, para 80,5% dos participantes o brincar e jogar são entendidos como processos diferentes, porém complementares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a infância como produtora de culturas traz para o campo da educação a necessidade de ter novos olhares, principalmente no entendimento do brincar como atividade interventiva e legítima da linguagem infantil (ALMEIDA, 2017), e, portanto, essencial nos espaços de aprendizagem. O brincar infantil tem sido alvo de interesse de muitos pesquisadores nos últimos anos, principalmente daqueles interessados no seu desenvolvimento e nas suas relações com outras habilidades, como a socialização e a comunicação (JORDAN, 2003).

Baseado nos conceitos e referências vistos no decorrer do presente trabalho observa-se como o brincar se configura na prática clínica profissional como uma importante ferramenta no processo de intervenção psicopedagógica, sendo utilizado de maneira orientada, para avaliar e também otimizar o desenvolvimento cognitivo de crianças com problemas de aprendizagem. Além disso, o brincar possibilita obter conhecimentos sob diferentes pontos de vista, estreitar os vínculos e uma melhor compreensão e julgamento de experiências na vida real. Vygotsky (2002) afirma que é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, pois comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real, tanto pela vivência de uma

situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras. Em outras palavras, reconhece-se o papel do brincar para formação do sujeito como um espaço também importante no desenvolvimento de estruturas psicológicas.

Brincar é coisa séria e isso pode ser constatado nas práticas escolares. Não obstante, há professores que ainda continuam preocupados em direcionar ou corrigir a brincadeira das crianças, o que por vezes deixa de lado a riqueza do seu caráter livre e as possibilidades dessa poderosa ferramenta de observação. Como já mencionado, é no brincar que as crianças aprendem a compartilhar seus brinquedos, aperfeiçoar seus relacionamentos, aprimorar seu processo de socialização, adquirir raciocínio lógico e linguagem oral, apresentando seus pontos de vista, negociando situações de conflito, comemorando as vitórias, enfrentando as frustrações e se divertindo.

Contudo, é preciso estar atento para o fato que nem tudo se aprende e se consolida durante a brincadeira. É preciso criar situações em que os alunos possam sistematizar aprendizagens, tal como propõe Kishimoto, em MRECH (2003, p. 37-38). Entende-se que o psicopedagogo como o mediador, precisa intencionalmente (ou intuitivamente), selecionar os recursos psicodidáticos em função dos seus objetivos, avaliar se esses recursos estão sendo suficientes e planejar ações orientadas para que o aprendente possa de fato apropriar-se de seu processo de aprendizagem.

As considerações de Mrech (2003, p. 128) defendem a mesma perspectiva de que os brinquedos, os jogos e os materiais pedagógicos não são objetos que trazem em seu bojo um saber pronto e acabado, mas que, sim, trazem um saber em potencial – que pode ou não ser ativado pelo aluno. Ao entendermos o processo de intervenção psicopedagógica como espaço de mediação psicoeducativa, cabe aqui afirmar o importante papel do psicopedagogo na aplicação do brincar em suas intervenções, já que este traz consigo a adequada consciência do potencial desses materiais.

A psicopedagogia é uma área de conhecimento capaz de contribuir para a aprendizagem dos indivíduos na medida em que investiga eventuais falhas e estratégias necessárias para que o indivíduo estabeleça novas conexões, adquira novos conhecimentos e supere suas dificuldades a partir de habilidades já existentes. Constata-se que embora o campo psicopedagógico possua um significativo referencial bibliográfico em relação ao processo diagnóstico e ao espaço de atuação psicopedagógico, no que tange à relação à intervenção psicopedagógica ainda há carência de pesquisas acadêmicas sobre possíveis técnicas e referenciais teóricos.

Assim, considera-se importante estimular estudos sobre o brincar na escola e em qualquer outro espaço de aprendizagem, que permitam observar espontaneamente ou em situação de investigação científica, possíveis práticas relacionadas ao brincar e seus benefícios para o processo de aprendizagem das crianças com dificuldade ou transtorno de aprendizagem que permita observar espontaneamente e que possibilite a investigação científica sobre possíveis práticas clínicas. Acredita-se que estratégias e recursos, quando utilizados de maneira orientada e teoricamente fundamentados, podem trazer para área psicopedagógica um diferencial, um valor agregado que assegure benefícios importantes ao campo clínico, à valorização da atuação e ao reconhecimento mais do que merecido do profissional da psicopedagogia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. T. P. (Org.). **Brincar, amar e viver**. 1o ed. Assis. Storbem Gráfica e Editora, 2014.

ALMEIDA, M. T. P. **O Brincar, a Criança e o Espaço Escolar**. 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Normas ABNT informação e documentação: trabalhos acadêmicos - apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011

BERTOLDO, J. V.; RUSCHEL, M. A. D. M. **Jogo, brinquedo e brincadeira-uma revisão conceitual**. In: <http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/37/Etapa%203/e3t1.pdf> . Acessado em abril de 2019.

BOSSA, N. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 4a. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

BUENO, E. **JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ensinando de forma lúdica.** Universidade Estadual de Londrina – UEL, 2010. Disponível em: www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/.../ELIZANGELA%20BUENO Acessado em 15 de fevereiro de 2019.

FRENZEL, R. M. (1977). *Jugando.* Mexico: Extemporâneos

FERREIRA, J. S. A. **A Contribuição dos Jogos na Atuação Psicopedagógica.** Pernambuco: UFP, 2015.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

GRASSI, T. M. **Oficinas psicopedagógicas.** Curitiba: IBPEX, 2008.

JORDAN, R. **Social play and autistic spectrum disorders.** Autism, Volume 7, Número 7, p. 347-360, 2003. In: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1362361303007004002>. Acessado em maio de 2019.

KISHIMOTO, T. M. **O Brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, 1998.

KISHIMOTO, T. M. **Bruner e a brincadeira.** O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 2002.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 4. ed. São Paulo, 1996.

MOYLES, J. R. **Só Brincar? O papel do Brincar na educação.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

MOYLES, J. R. **A excelência do brincar.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

MRECH, L. M. **O uso de brinquedos e jogos na intervenção psicopedagógica de crianças com necessidades especiais.** In KISHIMOTO, T. (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.* São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2007.

PEDROZA, R. L. S. **Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar.** Revista do Departamento de Psicologia – UFF, Brasília. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n2/v17n2a06.pdf. Acesso em 21 mar. de 2019.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PFEIFER, L.I.; ROMBE, P.G.; SANTOS, J.L.F. **A influência socioeconômica e cultural no brincar de pré-escolares.** Revista Paideia, Ribeirão Preto. Volume 19, n. 13, p.249-255, maio-agosto, 2009. In: <http://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=305423765013>. Acessado em maio de 2019.

PINAZZA, M. A.; FESTA, M. **Formação do brincante para uma pedagogia lúdica.** Caderno Brincar. V. 1, p. 89-101, 2017.

POLETTO, R.C. **A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar.** Psicologia em Estudo. Maringá. Volume 10, Número 1. p. 67-75, janeiro-abril. 2005. In: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v10n1/v10n1a08.pdf> Acessado em abril de 2019.

PRADO, Patrícia Dias. Quer brincar comigo? pesquisa, brincadeira e educação infantil. In: **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. 3a ed. São Paulo: Autores Associados, 2009.

RIBEIRO, R.P. **A importância da brincadeira e o brincar para criança no contexto escolar e outros espaços**. In: XVI Semana da Educação e VI Simpósio de Pesquisa e Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação, Universidade Estadual de Londrina, “Desafios atuais para a Educação” (Anais do evento. In: <http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/A%20IMPORTANCIA%20DA%20BRINCADEIRA%20E%20O%20BRINQUEDO%20PARA%20CRIANCA%20NO%20CONTEXTO%20ESCOLAR%20E%20OUTROS%20ESPACOS.pdf>. Acessado em abril de 2019.

VISCA, J. **Clínica Psicopedagógica: epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes médicas, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da mente**: O desenvolvimento de processos psicológicos superiores. 6a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 2ª ed. São Paulo: Ícone Editora, 1988.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar & a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ANEXOS

ANEXO 1

O BRINCAR E A PSICOPEDAGOGIA

Para psicopedagogos responderem sobre a brincadeira na prática psicopedagógica.

* Required

1. Você aceita preencher os dados para esta breve pesquisa? *

Termo de Consentimento. Você está sendo convidado a participar de uma breve pesquisa que estudará o uso do brinquedo na prática psicopedagógica. Os resultados serão utilizados como parte de um Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Pós-graduação em Psicopedagogia, da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).. Você não terá nenhum gasto ou ônus com a sua participação na pesquisa e também não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à sua participação. Toda informação coletada neste estudo é confidencial. Sua participação é muito importante e é voluntária. Você tem o direito de não querer participar desta pesquisa a qualquer momento, sem penalidades. Estima-se uma duração máxima de 5 minutos. Muito Obrigada!

() Sim, aceito.

() Não aceito.

2. Gênero *

() Feminino

() Masculino

3. Tempo de experiência prática na clínica. *

() Até 5 anos

() De 5 a 12 anos

- () De 12 a 20 anos
- () Mais de 20 anos

4. Estado *

5. Você atende crianças? *

- () Sim
- () Não

6. Todas são matriculadas em escolas (públicas ou privadas)? *

- () Sim
- () Não

7. De qual faixa etária? *

- () Até 5 anos
- () De 5 a 7 anos
- () De 8 a 10 anos
- () De 10 a 12 anos

8. Você utiliza a brincadeira como recurso nas sessões/atendimentos psicopedagógicos com crianças? *

- () Sim
- () Não

9. O brincar sempre faz parte do seu plano de intervenção, independente da idade do aprendente? *

- () Sim
- () Não

10. Você conhece alguma teoria específica sobre o brincar como estratégia de ensino e aprendizagem? *

- () Sim
- () Não

11. Se possível, indicar qual teoria.

12. Você já levou em consideração o funcionamento das funções cognitivas (memória, atenção, funções executivas etc.) ao escolher os brinquedos para o seu consultório ou ao optar por uma brincadeira para uma criança? *

Sim

Não

13. Para você, o brincar e o jogar são estratégias: *

Semelhantes

Diferentes

Complementares

Não sei responder

Powered by
GOOGLE FORMS